

4

CULTURA NO CONTEXTO ESCOLAR

► *Edivan Paes Freitas*
► *Juliana Martins Cassani*

Ao se pensar na escola já nos deparamos com a idealização de lugar fechado, onde possui finalidade de ensinar aos jovens e adultos, conhecimentos científicos adquiridos através dos milênios, mas este local de ensino, também possui a maior das funções ser um lugar de crítica e construção de pessoas com senso de dignidade, ética, que seja capaz de vivenciar uma vida em sociedade e ser um cidadão por sua vez. Desse modo, a escola também é um lugar de cultura, sendo onde se cria e desenvolve pensamentos críticos e de oposição, que podem transformar a realidade social, então se faz necessário compreender como a cultura será trabalhada dentro da escola e como esta será fonte de interação com a diversidade de culturas que existem no território onde determinada comunidade vive.

A cultura sendo fruto das capacidades humanas, possui fator inerente às instituições, com formas culturais que são produzidas e transmitidas por um conjunto de crenças, valores e significados que são atribuídos pelas experiências de cada grupo, e essas produções passam a ser partilhados com a comunidade. Assim, o conceito de cultura escolar perpassa pela transmissão do processo de socialização e integração nacional das crianças e jovens, sendo uma abordagem política e sociológica essa dimensão cultural estabelece com a sociedade uma dimensão específica, pois desenvolve suas próprias formas culturais, ou seja, através da instituição escolar que as pessoas passaram a compreender como se dá o papel da educação, relacionamento profissional e pessoal, tal como de organização civil (NADAL, 2019; BARROSO, 2012).

Sentimentos, valores, significados e rituais, são tradições das experiências vividas por nos humanos, e desta maneira a cultura é elaborada com a junção de diversas partes, que quando relacionadas são perpetuadas, sendo ela hegemônica ou de dominância cultural, mas é somente através das instituições, que essa chamada tradição pode se consolidar, pois é ela quem fica responsável na transmissão dos ensinamentos de socialização básicos da sociedade moderna. Porém, ocorre a contra hegemonia, pois cada sujeito pode responder de determinada maneira, sendo assim mesmo que uma cultura seja dominante, ela pode sofrer transformações ou ser superada, pois tradições culturais não são excluídas pelos grupos que ainda partilham dela. Desse modo, a escola pela via da cultura escolar, deve ser analisada pelos diversos fatores que

a compõe, pois, a dimensão produzida da experiência material não é única, sendo que a instituição sofre alterações por buscar finalidades no trabalho elaborado pelos professores, na busca de resultados e metas a serem atingidas junto dos alunos (NADAL, 2019).

A globalização vem intensificando a troca entre povos, culturalmente, socialmente, etnicamente e economicamente, destacando a diversidade como base para heranças culturais através da história que são passadas por gerações. Assim a diversidade, que significa multiplicidade e diferença, demonstra como a forma de viver de diversos grupos pode ser apresentada e elaborada por diferentes comunidades. Nesse sentido, a diversidade cultural é um mecanismo de enriquecimento social, pois ao contribuir com a promoção da diversidade poderá ser capaz de reduzir preconceitos, sendo colaborativa para uma dimensão de sociedade mais democrática, acolhendo os direitos e liberdades individuais, de cada grupo da sociedade. (AZEVEDO; ANDRÉ, 2020).

Assim, segundo Nadal (2019, p. 2) “a cultura atua tanto na constituição como na transformação das instituições: é força instituída, constitutiva e também instituinte e transformadora, podendo se converter em instrumento de domínio e manutenção ou de mudanças”. Essa definição demonstra dois elementos que compõe a cultura escolar, que são as normas e as práticas que iram delimitar as finalidades sociais gerais do ambiente escolar, perpetuando a ideia de que a escola é responsável na transmissão de uma cultura geral ou global. Desse modo, a educação escolar irá constituir através da infância e juventude, sujeitos distintos dos demais que compõe seu grupo social, sendo que dentro da escola onde são separados dos demais grupos, podem construir saberes e linguagens que corresponderam a modalidades de poder e convívio de normas específicas da sociedade, e assim também formas de compreensão de conflitos e desacordos para a caracterização de diferenças entre grupos (FALSARELLA, 2018).

Nesse mesmo pensamento Barroso (2012, p. 6) cita que “O princípio da homogeneidade (das normas, dos espaços, dos tempos, dos alunos, dos professores, dos saberes e dos processos de inculcação) constitui uma das marcas mais distintivas da “cultura escolar””. Sendo assim, um desafio a pedagogia moderna, que terá que unir ações de criatividade e de qualidade para reproduzir as condições das tradições valiosas, sendo capazes de avaliar seus pontos negativos e positivos, para poderem serem alterados para que assim sejam passados aos alunos de maneira útil e com critério, dessa maneira, ocorre dois ciclos relativos à tradição, o inovador e o ciclo reprodutor, sendo que eles ocorrem conjuntamente, ou seja sem alternância, provocando avanços e retrocessos, ao estimular contradições e conflitos das divergências de duas ideias, que antes era considerada como correta, mas que agora sofre alterações e precisa ser adaptada para a nova condição social. Assim, determinações sociais, econômicas, sociais e políticas de cada momento histórico poderá interferir nas tendências educacionais contemporâneas, tal como a realidade social, cultural de cada localidade (FALSARELLA, 2018).

Esse princípio foi assim aplicado a organização pedagógica que buscou aplicar a todos os graus de ensino, tornando o processo de alta ramificação e duração, porém a homogeneidade aplicada a escola, deixou claro que existia um paradoxo entre os trabalho dos professores e os aluno, demonstrando a necessidade de práticas pedagógicas diversificadas, para atender a realidade da diversidade cultural da comunidade escolar. Contudo, tais realizações nas alterações das estruturas escolares, apenas podem ser realizadas pelos professores e alunos, porém é necessário que exista de maneira formal condição para que estes não fiquem presos nas teias da própria estrutura, sendo assim, a necessidade de investimento na formação dos professores, para que eles possam desconstruir práticas e sugerir novas possibilidades, assegurando que o processo

de mudança ocorra para além das estruturas escolares e ocorra na transformação da cultura escolar (FALSARELLA, 2018).

Como organização a escola possui objetivos institucionais, e compreende-se que ela tem como finalidade humanizar as crianças e jovens, como também aplicar conhecimentos científicos, que possibilitem um desenvolvimento crítico, de igualdade e organização, para vivenciarem de maneira cidadã seu lugar no mundo, e dessa maneira ela precisa prover recursos para que esses objetivos sejam concretizados. Assim, através da teoria de Weber sobre a burocracia que consiste em modos de organização racionais e lógicos, a escola como organização encontra legitimidade através da formalidade, que se apresenta por normas; a impessoalidade que delimita o comportamento de todos; e o processo de administração, que conduz como a escola deverá ser mantida e conduzida pelos profissionais, como o diretor (NADAL, 2019).

A perspectiva então demonstra como a escola funciona, tal como ela se dá como produto do modo de organização racional, sua lógica de funcionamento e seu modelo de projeto político-pedagógico, que consiste em tarefas impostas pelo regimento escolar e curricular, na obtenção de resultados. Porém, a racionalidade burocrática que se estabelece na tradição escolar possui raízes na história moderna, associada a luta de classes, no processo de industrialização do capitalismo, onde foi pensada para que finalidades fossem atingidas, e que o processo pudesse ser centralizado e autoritário (NADAL, 2019).

Assim, a cultura escolar possui e demonstra forças nas tradições dos grupos sociais, e se torna complexo seu estudo, por ser atingido por diversos fatores, que podem contribuir para sua transformação e elaboração, mas compreender que a escola é um lugar de crescimento e amadurecimento de diversos jovens, torna importante a responsabilização crítica do ensino, para que dessa maneira a igualdade e diversidade não sejam abandonados, colocando esse lugar de aprendizagem como possibilidade para o crescimento pessoal de cada indivíduo, tal como a possibilidade de atuar como cidadão de direito. A escola por sua vez deve estar atenta ao seu perfil pedagógico, para poder sempre atingir seus propósitos, mas destacando o papel do professor no crescimento da instituição, oferecendo a ele a oportunidade de fazer parte do processo como um todo, para que a burocratização não seja autoritária.

Ao se pensar na escola já nos deparamos com a idealização de lugar fechado, onde possui finalidade de ensinar aos jovens e adultos, conhecimentos científicos adquiridos através dos milênios, mas este local de ensino, também possui a maior das funções ser um lugar de crítica e construção de pessoas com senso de dignidade, ética, que seja capaz de vivenciar uma vida em sociedade e ser um cidadão por sua vez. Desse modo, a escola também é um lugar de cultura, sendo onde se cria e desenvolve pensamentos críticos e de oposição, que podem transformar a realidade social, então se faz necessário compreender como a cultura será trabalhada dentro da escola e como esta será fonte de interação com a diversidade de culturas que existem no território onde determinada comunidade vive.

A cultura sendo fruto das capacidades humanas, possui fator inerente às instituições, com formas culturais que são produzidas e transmitidas por um conjunto de crenças, valores e significados que são atribuídos pelas experiências de cada grupo, e essas produções passam a ser partilhados com a comunidade. Assim, o conceito de cultura escolar perpassa pela transmissão do processo de socialização e integração nacional das crianças e jovens, sendo uma abordagem política e sociológica essa dimensão cultural estabelece com a sociedade uma dimensão específica, pois desenvolve suas próprias formas culturais, ou seja, através da instituição escolar que as pessoas passaram a compreender como se dá o papel da educação, relacionamento profissional e pessoal, tal como de organização civil (BARROSO, 2012).

Sentimentos, valores, significados e rituais, são tradições das experiências vividas por nos humanos, e desta maneira a cultura é elaborada com a junção de diversas partes, que quando relacionadas são perpetuadas, sendo ela hegemônica ou de dominância cultural, mas é somente através das instituições, que essa chamada tradição pode se consolidar, pois é ela quem fica responsável na transmissão dos ensinamentos de socialização básicos da sociedade moderna. Porém, ocorre a contra hegemonia, pois cada sujeito pode responder de determinada maneira, sendo assim mesmo que uma cultura seja dominante, ela pode sofrer transformações ou ser superada, pois

A globalização vem intensificando a troca entre povos, culturalmente, socialmente, etnicamente e economicamente, destacando a diversidade como base para heranças culturais através da história que são passadas por gerações. Assim a diversidade, que significa multiplicidade e diferença, demonstra como a forma de viver de diversos grupos pode ser apresentada e elaborada por diferentes comunidades. Nesse sentido, a diversidade cultural é um mecanismo de enriquecimento social, pois ao contribuir com a promoção da diversidade poderá ser capaz de reduzir preconceitos, sendo colaborativa para uma dimensão de sociedade mais democrática, acolhendo os direitos e liberdades individuais, de cada grupo da sociedade. (AZEVEDO; ANDRÉ, 2020).

Nesse sentido os elementos que compõe a cultura escolar, que são as normas e as práticas que iram delimitar as finalidades sociais gerais do ambiente escolar, perpetuando a ideia de que a escola é responsável na transmissão de uma cultura geral ou global. Desse modo, a educação escolar irá constituir através da infância e juventude, sujeitos distintos dos demais que compõe seu grupo social, sendo que dentro da escola onde são separados dos demais grupos, podem construir saberes e linguagens que corresponderam a modalidades de poder e convívio de normas específicas da sociedade, e assim também formas de compreensão de conflitos e desacordos para a caracterização de diferenças entre grupos (FALSARELLA, 2018).

Nesse mesmo pensamento Barroso (2012, p. 6) cita que “O princípio da homogeneidade (das normas, dos espaços, dos tempos, dos alunos, dos professores, dos saberes e dos processos de inculcação) constitui uma das marcas mais distintivas da “cultura escolar””. Sendo assim, um desafio a pedagogia moderna, que terá que unir ações de criatividade e de qualidade para reproduzir as condições das tradições valiosas, sendo capazes de avaliar seus pontos negativos e positivos, para poderem serem alterados para que assim sejam passados aos alunos de maneira útil e com critério, dessa maneira, ocorre dois ciclos relativos à tradição, o inovador e o ciclo reprodutor, sendo que eles ocorrem conjuntamente, ou seja sem alternância, provocando avanços e retrocessos, ao estimular contradições e conflitos das divergências de duas ideias, que antes era considerada como correta, mas que agora sofre alterações e precisa ser adaptada para a nova condição social. Assim, determinações sociais, econômicas, sociais e políticas de cada momento histórico poderá interferir nas tendências educacionais contemporâneas, tal como a realidade social, cultural de cada localidade (FALSARELLA, 2018).

Esse princípio foi assim aplicado a organização pedagógica que buscou aplicar a todos os graus de ensino, tornando o processo de alta ramificação e duração, porém a homogeneidade aplicada a escola, deixou claro que existia um paradoxo entre os trabalho dos professores e os aluno, demonstrando a necessidade de práticas pedagógicas diversificadas, para atender a realidade da diversidade cultural da comunidade escolar. Contudo, tais realizações nas alterações das estruturas escolares, apenas podem ser realizadas pelos professores e alunos, porém é necessário que exista de maneira formal condição para que estes não fiquem presos nas teias da própria estrutura, sendo assim, a necessidade de investimento na formação dos profes-

sores, para que eles possam desconstruir práticas e sugerir novas possibilidades, assegurando que o processo de mudança ocorra para além das estruturas escolares e ocorra na transformação da cultura escolar (FALSARELLA, 2018).

Assim, a cultura escolar possui e demonstra forças nas tradições dos grupos sociais, e se torna complexo seu estudo, por ser atingido por diversos fatores, que podem contribuir para sua transformação e elaboração, mas compreender que a escola é um lugar de crescimento e amadurecimento de diversos jovens, torna importante a responsabilização crítica do ensino, para que dessa maneira a igualdade e diversidade não sejam abandonados, colocando esse lugar de aprendizagem como possibilidade para o crescimento pessoal de cada indivíduo, tal como a possibilidade de atuar como cidadão de direito. A escola por sua vez deve estar atenta ao seu perfil pedagógico, para poder sempre atingir seus propósitos, mas destacando o papel do professor no crescimento da instituição, oferecendo a ele a oportunidade de fazer parte do processo como um todo, para que a burocratização não seja autoritária.

Na contemporaneidade a cultura possui status vivos, com uma trajetória de diversos caminhos que entrelaçam o passado e o futuro da humanidade, demonstrando uma preocupação contínua que é marcada por conflitos de modos como a sociedade vive e transforma seus recursos naturais, alterando a realidade para expressá-la. A lógica interna da realidade cultural precisa ser compreendida para que haja sentido em costumes, concepções e práticas, tal como suas transformações. “Assim, cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos” (SANTOS, 1983, p. 7).

O estudo da cultura é um alicerce para o combate de preconceitos, pois oferece conhecimento nas relações humanas, possibilitando que a riqueza de culturas fique perto de cada um de nós, como seres sociais que todos fazemos parte, compreendendo e indagando as forças que mantêm e transformam nosso cotidiano, possibilitando discussões da realidade social individual (SANTOS, 1983).

Apesar de diversos esforços para esquematizar e traçar uma sequência histórica que pudesse atender e localizar as transformações nas relações da sociedade com a natureza e seus membros, tal esforço não foi possível, pois por tratar de um esquema que não é rígido, sendo derivado de diversas culturas humanas, ricas em detalhes únicos de cada grupo social (SANTOS, 1983).

Essa tentativa de concepção da evolução da cultura, deriva-se da ideia europeia da humanidade, essa visão que buscava construir uma escala evolutiva, apenas possuía o propósito de legitimar o processo de expansão e consolidação dos países capitalistas sobre os povos do mundo. Tais concepções foram criticadas, pois não contemplava a verdade própria de cada povo e sua multiplicidade de critérios culturais. Desta maneira, estudos detalhados permitiram desmistificar argumentos falsos das concepções preconceituosas que esse olhar poderia sobrepor a determinada cultura (SANTOS, 1983).

O domínio humano sobre a natureza expressa diversidades de culturas e variedades de histórias, sendo registrados diferentes maneiras da organização social. Dessa maneira, ao observar diferentes culturas alheias em pontos de vista diferentes de cada cultura do observador, verifica-se que cada critério utilizado para a avaliação também se trata de um olhar cultural, pois essa avaliação de culturas e traços torna-se relativo, ou seja, um relativismo cultural. “Afinal, as culturas movem-se não apenas pelo que existe, mas também pelas possibilidades e projetos do que pode vir a existir” (SANTOS, 1983, p.17-18).

Com o desaparecimento de sociedades e a alteração de grupos sociais, que perdiam suas características, e a rápida transformação da sociedade moderna, o olhar preocupado sobre a cultura busca uma com-

preensão que pudesse abarcar as virtudes que tais contatos possuíam na alteração da sociedade, porém mesmo com tal preocupação, ainda assim não foi possível uma definição clara e aceita do que seria cultura (SANTOS, 1983).

Ao pensar sobre cultura essa sempre estava associada ao estudo, educação, formação escolar, manifestações artísticas, tal como teatro, pintura e música e ainda também atrelada aos meios de comunicação em massa frutos de uma sociedade moderna, com rádio, cinema e televisão, ou até mesmo com lendas e crenças tradicionais de um povo e seu modo de vestir, como também sua comida e seu idioma, sendo ampliada por possuir raízes nas características humanas (SANTOS, 1983).

A Cultura possui algumas concepções que remetem aos aspectos de uma realidade social distinta de como é organizado a vida social e os aspectos materiais, seguindo de aspectos que abrangem o conhecimento, ideias e crenças de um povo e também como se observam existindo na vida social. Ocorrendo ênfase no conhecimento e dimensões associadas, a cultura diz respeito a uma esfera que possui domínio na vida social, fazendo referência à cultura alternativa

“... compreendendo tendências de pensar a vida e a sociedade na qual a natureza e a realização individual são enfatizadas, e que tem por temas principais a ecologia, a alimentação, o corpo, as relações pessoais e a espiritualidade” (SANTOS, 1983, p.22).

Sendo recente a preocupação sistemática com a questão da cultura, essa inicia-se no século XVIII na Alemanha, onde a cultura era tratada por pensadores engajados na busca da compreensão e interpretação das particularidades dos costumes e crenças, de determinados povos, para que assim fosse possível analisar como em determinado contexto condições materiais eram utilizadas para o desenvolvimento (SANTOS, 1983).

Sendo assim, a palavra cultura possui origem latina e sendo derivada de atividades agrícolas, com o verbo em latim *colere*, significando cultivar, dessa forma pensadores romanos ampliaram o significado para refinamento pessoal, presente na expressão da cultura da alma (SANTOS, 1983).

Ao considerar aspectos aos quais a consolidação da preocupação da cultura esteve associada, tomamos com base o século XIX quando a visão laica se tornava dominante na visão do mundo social e da vida humana, distanciando do cristianismo que até então possuía força para impor práticas e comportamentos e na interpretação das relações sociais na Europa. Tal modo de pensar a cultura, agora alimentada com a preocupação de entender os povos e nações que estavam sendo subjugadas, dava folego para as expansões políticas e econômicas das quais as sociedades industrializadas necessitavam, como também forneciam campo para observação e possibilidade de estudo (SANTOS, 1983).

Nesse sentido, as preocupações com cultura contribuíram para delimitar intelectualmente a posição internacional do Ocidente. Essa posição se realizou através da dominação política e econômica, e também da imposição de suas próprias concepções culturais aos povos sob domínio e controle (SANTOS, 1983, p. 26).

Dessa maneira, as discussões partem da constituição das nações modernas, como aconteceu na América Latina por possuir em sua cultura uma história que passa pela contribuição de múltiplas culturas, integrando os processos de dominação ocidental à organização da sociedade, à estrutura da família, ao direito e às ideias, concepções e modos de conhecimentos, assim o processo histórico é de suma importância para a compreensão da nossa realidade cultural, pois é nela que se produz as relações de poder e também os con-

frontos de interesses que ocorrem dentro da sociedade (SANTOS, 1983).

Assim, ao utilizar a cultura como forma de domínio, ela foi utilizada para referir-se à alta cultura, porém também para se tratar de qualquer cultura, nesse caso surge uma oposição ao que chamavam de selvageria, por não ser derivada de comportamentos ocidentais, delimitando que a cultura seria a marca da civilização, pois ao se delinear uma alta cultura essa seria utilizada como comanda de dominação para determinada população, por não possuírem o domínio da língua escrita ou acesso a qualquer inovação propostas pelas ciências, pois apenas quem possuía acesso era as camadas dominantes. Porém, a maneira de existir dos demais povos e agrupamentos humanos não deixavam de ter seu modo de transformar e empregar seus conhecimentos, entendendo assim que toda existência humana era considerada uma forma de cultura “Assim, ora civilização, ora cultura serviam para significar os aspectos materiais da vida social, o mesmo ocorrendo com o universo de ideias, concepções, crenças” (SANTOS, 1983, p).

Com a aceleração da interação entre povos, nações, culturas particulares, diminui a possibilidade de falar em cultura como totalidade, pois a tendência à formação de uma civilização mundial faz com que os povos, nações, culturas particulares existentes partilhem características comuns fundamentais (SANTOS, 1983, p. 30)

Todavia, a busca para entender a vida social e as discussões sobre cultura não foram abandonadas e sim transformadas, para que pudesse ser uma área de reflexão da realidade mesclando duas preocupações básicas “Ou seja, em vez de se falar em cultura como a totalidade de características, fala-se agora em cultura como a totalidade de uma dimensão da sociedade” (SANTOS, 1983, p. 34).

Em um sentido de conhecimento ampliado, a cultura passa a incluir maneiras de expressar dentro da sociedade, através da arte, política, tecnologia e na ciência, voltando a compreender o estudo da cultura pela realidade que é codificada pelo modo social de viver, com palavras, ideias, doutrinas e teorias, possibilitando a transformação e crescimento (SANTOS, 1983).

Uma maneira mais complicada de apresentar essa dimensão é dizer que a cultura inclui o estudo de processos de simbolização, ou seja, de processos de substituição de uma coisa por aquilo que a significa, que permitem, por exemplo, que uma ideia expresse um acontecimento, descreva um sentimento ou uma paisagem; ou então que a distribuição de pessoas numa sala durante uma conversa formal possa expressar as relações de hierarquia entre elas (SANTOS, 1983, p.35)

Sendo a cultura uma construção histórica, que possui dimensão, concepção de um processo social, não sendo natural como leis biológicas, e produto de um coletivo da vida humana; a cultura tem território delimitado de lutas sociais que determinam a realidade do progresso social, como também a liberdade, pois a luta contra a exploração humana derivada de outras sociedades, perpassa a superação das desigualdades e da opressão. “Apenas nesse sentido genérico de serem dimensão do processo social é que se pode falar igualmente em cultura” (SANTOS, 1983, p.38).

Todavia, a cultura apesar de possuir tradições identificáveis não necessariamente significa que não sofra alterações, pois não é um processo estanque, estando em constante transformação e possuindo sua própria dinâmica, sendo um aspecto fundamental a mudança. Essa dinâmica é criadora de um processo que amplia o conhecimento expresso e de suma importância para as sociedades contemporâneas (SANTOS, 1983).

Na busca de identificar pontos da indústria cultural essa mostra-se capaz de homogeneizar a visão do mundo de diversas populações, possibilitando ultrapassar barreiras de classe social, porém capazes de con-

trolar as massas, por alcançarem diversas classes sociais. Essa cultura homogeneizadora seria uma característica vital deste século, com o propósito do exercício do poder e ordenação da vida coletiva, controlando o conteúdo que é visto. “Parecem dirigir-se a cada indivíduo particularmente, embora suas mensagens sejam comuns a todos e procurem gerar necessidades e expectativas massificadas” (SANTOS, 1983, p.56).

Contudo, a cultura na sociedade contemporânea não fica reduzida ao conteúdo dos meios de comunicação em massa, ficando claro também que por mais poderosos que sejam ainda não é capaz de substituir totalmente a percepção dos consumidores e das relações sociais e suas vidas, mesmo assim é sem dúvida que essa cultura para as massas tornou-se um elemento de suma importância na cultura da sociedade moderna. “As mensagens da indústria cultural, com propósitos de homogeneização e controle das populações, podem ser um projeto dos interesses dominantes da sociedade, mas não são a cultura dessa sociedade” (SANTOS, 1983, p.57).

Vejam, pois, que há problemas para saber qual o conteúdo de uma cultura nacional, para delinear suas características, para definir os aspectos que a fazem única. Essa discussão implica sempre como se entende os destinos de uma sociedade (SANTOS, 1983, p.60).

A cultura sem dúvida não é um sistema fechado, sempre remetendo à experiência histórica, seus processos próprios da dimensão cultural e dinâmica, das quais participam instituições que estão ligadas em concepções do presente, como tal suas mensagens políticas, desta maneira podemos indagar as tendências da dimensão cultural e as propostas que surgem do seu desenvolvimento ou transformação (SANTOS, 1983).

Atualmente há instituições públicas direcionadas para a cultura, responsáveis no agir de seu desenvolvimento, sendo também uma esfera de atuação da economia, com empresas diretamente voltadas para seu crescimento, verificando claramente a manutenção da proximidade das relações de poder, associadas a formas de dominação da sociedade, mantendo o continuo instrumento de conhecimento do progresso social.

Enfim, a cultura faz parte da organização social e da produção coletiva, porém ainda institucionalizada passa a ser objeto de controle de massas das sociedades de classes, sendo que os benefícios não pertencem a todos (SANTOS, 1983).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROSO, J. Cultura, cultura escolar, cultura de escola. Princípios Gerais da

Administração Escolar, v. 1, 2012. Disponível em: <<http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/65262>>. Acesso em: 01 abr. 2020.

NADAL, B. G. Cultura, organização escolar e coordenação pedagógica: espaços de interseção. **Acta Scientiarum. Education**, 42(1), e41727. 2019. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/41727>>. Acesso em: 01 abr. 2020.

AZEVEDO, Samara Moço; ANDRÉ, Bianka Pires. Pedagogia e diversidade cultural: diretrizes para uma nova formação. **Laplage em Revista**, v. 6, n. 1, p.34-46, 2020. Disponível em: <<http://www.laplageemrevista.ufscar.br/index.php/lpg/article/view/718/1018>>. Acesso em: 01 abr. 2020.

FALSARELLA, Ana Maria. Os estudos sobre a cultura da escola: forma, tradições, comunidade, clima, participação, poder. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 39, n. 144, p. 618-633, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302018000300618&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 abr. 2020.

HERNANDES, L. F. Internação Compulsória e a vida em cena. [Mestrado em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local]. Vitória: Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória – EMESCAM, 2016.

SANTOS, J. L. O que é cultura. Coleção primeiro passos. Editora Brasiliense. 6.ed. São Paulo. 1983. Disponível: <https://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2017/04/Cole%C3%A7%C3%A3o-Primeiros-Passos-O-Que-%C3%A9-Cultura.pdf>

Sidney W.. Cultura: uma visão antropológica. **Tempo**, Niterói, v. 14, n. 28, p. 223-237, June 2010. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v14n28/a10v1428.pdf>. Acesso em: 03 Mar. 2020.

Elenilton Vieira Godoy, Vinício de Macedo Santos. Um olhar sobre a cultura. Educação em Revista|Belo Horizonte|v.30|n.03|p.15-41|Julho-Setembro 2014. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v30n3/v30n3a02.pdf>

“CULTURA É O QUÊ?” - REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE CULTURA E A ATUAÇÃO DOS PODERES PÚBLICOS. V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 27 a 29 de maio de 2009 Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil. Disponível: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19353.pdf>